TRIBUNA da imprensa
Fundada em 27 de dezembro de 1949
Diretor Redator-Chefe: Helio Fernandes — Editor Responsável: Helio Fernandes Filho

CARTAS

45 anos

Caro Helio Fernandes,

Aceite, ilustre e querido amigo, juntamente com todos os companheiros de trabalho, afetuosos cumprimentos pelo transcurso dos 45 anos da TRIBUNA DA IMPRENSA, marcados pela constante vigilância democrática e permanente defesa dos interesses maiores do Rio de Janeiro.

Nelson Carneiro - RJ

Despedida

Ilmo. Sr. Helio Fernandes,

Ao afastar-me da chefia do Centro de Comunicação Social do Exército, desejo expressar-lhe sinceros agradecimentos pelas atenções com que sempre fui distinguido por esse prestigioso jornal, dirigido por V.S^a.

Cabe-me, na oportunidade, afirmar-lhe que os possíveis êxitos de meu trabalho, na preservação da excelente imagem que desfruta o Exército perante a opinião pública, em muito se devem à presteza e à oportunidade das deferências propiciadas ao CCOMSEX pela TRIBUNA DA IMPRENSA. Como singela demonstração de meu reconhecimento, formulo a V.S^a votos de continuados êxitos profissionais, extensivos aos prezados companheiros da TRIBUNA DA IMPRENSA e de felicidade pessoal junto à distinta família. Na Secretaria de Segurança Pública do governo do Distrito Federal espero continuar contando com esse valioso apoio, ao tempo em que ofereço meus préstimos para o que julgar conveniente. Manifestando sentimentos de especial apreço, subscrevo-me.

Gen. Bda. Gilberto Serra - DF

Plano

O atual plano econômico, gerado pela mesma equipe econômica que no governo Sarney foi encomendada a bolar o Plano Cruzado, ambos de cunho nitidamente eleitoreiro, não fez mais do que, no primeiro, suprimir três zeros da moeda em vigor, zerando, também, a inflação e igualando o valor do dólar ao tal cruzado, e, em seguida, congelando todos os preços. Isto foi mantido até as eleições, na qual o PMDB, partido do governo, fez maioria absoluta em todos os estados da federação. Depois disso, voltou tudo como era antes, no quartel de abrantes: os preços voltaram a subir, a inflação voltou vertiginosamente e o dólar, também, disparou, até chegar ao ponto em que o atual governo, para eleger o seu candidato oficial (como ocorria na República Velha que gerou a revolução de 1930), encomendou à mesma equipe econômica um plano, objetivando o fim da inflação e que contivesse, também, a alta do dólar. O que fez essa equipe? Preliminarmente, para evitar o que ocorreu no plano anterior, criou a URV, que até o final de junho permitia aumento diário em todos os preços e, também, do dólar, mantendo, porém, os salários congelados no mês de julho, com o surgimento do real, quando os aumentos e o dólar já haviam chegado ao pique máximo, com a cifra de Cr$ 2.750,00, foi estabelecido o valor do real e, também, o valor fracionado do dólar, com a supressão de quatro algarismos do cruzeiro em vigor. Foi essa a "mágica" que o governo atual, repetindo o governo Sarney, conseguiu eleger o seu candidato oficial, embora, com uma pequena maioria, sobre o segundo colocado, numa eleição em que figuraram candidatos menos expressivos (Enéas 3º lugar), do que na eleição anterior, cujos candidatos eram de grande notoriedade.

Eleito o candidato oficial, já começam a subir os preços, brevemente, também, o dólar e, após a posse do novo presidente, creio que tudo voltará como era antes, no quartel de abrantes. É essa a minha previsão.

Auxílio Augusto de Pinho - RJ

Acorda Brasil!!

Muito bonito! Enquanto os parlamentares são agraciados com um reajuste de 148% ("O Globo", 17/12/94) nos seus salários, usando uma manobra para evitar que os servidores públicos federais reivindiquem o mesmo percentual de aumento, é negado um reajuste de 8,04% nos benefícios dos aposentados e pensionistas da Previdência Social que percebem mais de 1 salário mínimo.

Francisco das Chagas - RJ

Centro

Antigamente, o Largo da Carioca só era freqüentado por gente de elite, como escritores, cantores de ópera nacional e principalmente internacional. Havia um teatro municipal, ali.

A Uruguaiana era uma rua pacata onde senhoras e senhoritas só passavam por ali quando iam ao dentista, de chapéu e trajes a passeio. A Colombo, lugar de reuniões de políticos, escritores e poetas, era a confeitaria mais requisitada. Hoje em dia tudo se modificou e essas duas localidades estão cheia de camelôs, gente de toda espécie. Hoje show ao ar livre, como capoeiras, e tem "o Sombra", um rapaz alto de cara pintada, luvas brancas, camiseta, boné preto, calça suspensório, imitando andar das pessoas, fazendo brincadeiras com elas, o povo fica olhando parado, mesmo estando com pressa de alguma coisa, mas "ele" (o Sombra) chama a atenção do público de rua e a coletividade se diverte, faça chuva ou faça sol. A Rua Uruguaiana e o Largo do Carioca são um mundo de curiosidades, mesmo para aqueles que não gostam de esbarros e apertos. O comércio as infiltrou de tal maneira que essas duas ruas não são mais as mesmas do que há cinqüenta anos atrás. É uma loucura, num dia de verão passar por lá para fazer compras. Não condeno ninguém, porque o povo precisa se defender para ganhar dinheiro, e esse é o único modo de sobrevivência para muitos brasileiros de classes mais baixas.

Angela Maria Alves Duallibe - RJ

Só publicamos cartas datilografadas e identificadas pelos signatários.

Cartas para a Redação - Rua do Lavradio, 98 - CEP 20.230-070 - Rio

Henrique

Opinião

Petrobrás

Luigi Pellicano

É realmente interessante ler e ouvir os comentários, alguns a favor e outros contra a privatização da Petrobrás e quebra do monopólio, ou "flexibilização", como gostam de chamá-la atualmente. Até parece que ninguém ainda percebeu que já faz tempo que a Petrobrás deixou de ser brasileira e passou a ser controlada pelas 6 irmãs multinacionais.

Senão, vejamos. A Petrobrás, empresa de projeção internacional na pesquisa, extração e refino do petróleo, talvez a mais conceituada do mundo quando se trata de extração em águas profundas, construída e implantada ao longo dos anos, com recursos da União, ou empréstimos no exterior, sempre garantidos pelo nosso governo, com tecnologia das mais avançadas, com patrimônio fabuloso em valores materiais e humanos, tudo feito à custa do erário nacional, dos impostos, do trabalho e do esforço do povo brasileiro. Tem dinheiro que pague isso tudo? Ainda mais quando se sabe que a Petrobrás, como empresa nacional, estatal, pertencente, portanto, ao Brasil, representa a garantia, para nós, dentro de pouco tempo, de ficarmos auto-suficientes e totalmente independentes de qualquer importação de petróleo.

Não há dinheiro que pague o suor do trabalhador brasileiro

É essa a empresa que muitos, bem mais amigos de suas contas bancárias do que do Brasil gostariam de ver privatizada, ou melhor, como sempre acontece, doada. E só pode ser mesmo doação porque o melhor da Petrobrás, ou seja, os lucros, já foi conquistado pelos americanos, ou, para sermos mais exatos, pelas suas concorrentes internacionais, Esso, Shell etc, quando da assinatura dos lesivos contratos de distribuição dos derivados, ou seja, daquilo que a Petrobrás produz. Quando essas mesmas multinacionais recebem, em seus países de origem, 1,8% do valor da venda, aqui entre nós, ou porque somos todos milionários (ou talvez burros), elas querem e obtiveram da Petrobrás 10 vezes mais, ou seja, 18%! Como é sabido que nenhum negócio dá lucro superior a 20% sobre o custo, fica provado que as multinacionais levam tudo, sem arriscar um tostão e sem ter o trabalho de gerenciar a empresa. (Para confirmação ler TRIBUNA, 14/12/94, Carta "Equilíbrio" de Nayde Ribeiro de Carvalho - SP.)

É bem verdade que existe também uma Petrobrás Distribuidora, mas alguém já viu suas ações cotadas em Bolsa? Primeiro ela deve atender as áreas mais longínquas desse nosso país continente, deixando, portanto, o lucro maior para as concorrentes internacionais Esso, Shell e Cia., e, segundo, sua subscrição de vender ido dada gratuitamente aos políticos da época da assinatura dos referidos contratos de distribuição, altamente lesivos à Petrobrás e aos cofres públicos, a fim de anestesiar suas consciências e evitar que denunciassem o escândalo, impedindo que fosse praticado.

Podemos concluir que falar tanto em dar ou não dar uma coisa que as multinacionais já receberam de graça é mais uma das tantas farsas que dominam esse país e que ludibriam seu povo.

Luigi Pellicano é empresário

Santa Catarina: cabeça do Mercosul

Paulo Ramos Derengoski

O Estado de Santa Catarina está preparado para enfrentar - e vencer - o vendaval do Mercosul.

Com apenas 3% da população e pouco mais de 1% do território brasileiro, o pequeno-grande Estado do Sul já tem a segunda renda per capita, sendo o quinto produtor nacional de alimentos.

Mas o que caracteriza a economia catarinense e a torna inovadora é a presença quase absoluta do capital nacional, com raras empresas estatais ou multinacionais. São cerca de oito mil estabelecimentos industriais, 30 mil comerciais e 270 mil de caráter agropecuário.

O "mix" agrícola catarinense é um exemplo fundiário para o país - onde o médio, o grande e o pequeno estabelecimentos se interpenetram, como aliás acontece nos países de economia avançada como Canadá e Estados Unidos. O tripé que constitui a base da agropecuária catarinense é o triângulo milho-suínoaves, com grande variedade de raças suínas, bovinas e avícolas. A região do Planalto abriga, num país de clima tropical, diversas raças oriundas de climas temperados.

Recentemente despontou a fruticultura de clima temperado - basicamente maçã, que vem sendo já exportada, devido à grande variedade de qualidades, como a Red Delicious, a Fuji, a Gala, a Starkrinsson, a Mutsu - e que por isso mesmo tem amplas possibilidades de penetrar em mercados tradicionalmente habituados a consumir a rainha das frutas, mas que produzem poucas variedades, como a Argentina. A industrialização da madeira - sacaria e papéis finos - já conquistou a região do Prata. Além disso, Santa Catarina tem as maiores reservas de carvão mineral e fluorita do Brasil. O Estado é o primeiro produtor de pescado e o terceiro de crustáceos.

Para se ter uma idéia da potencialidade catarinense basta citar o caso do Turismo. Em janeiro e fevereiro de 1994 eram esperados cerca de 300 mil turistas do Prata. Apareceram perto de um milhão de visitantes! Além disso é um turismo de tipo familiar, não agressivo, que busca a beleza das praias e o contato com a natureza, antes da aventura do tipo carnavalesco que ainda se insiste em divulgar lá fora.

Sem uma megalópolis, tem suas regiões equilibradas. No oeste, riquíssimo, predomina a agroindústria. No litoral norte o eixo eletrometal-mecânico. No Vale do Itajaí indústrias e têxteis. No Planalto, madeira, papel e gado. Na grande Florianópolis, o turismo. No litoral sul, o carvão e a cerâmica.

Com uma pauta de exportações complexa e diversificada os empresários catarinenses são hoje responsáveis por vendas externas que já chegam a US$ 1 bilhão ao ano. Trata-se de um Estado amplamente superavitário, já que em 1993, por exemplo, importou apenas US$ 330 milhões.

A diversificação das exportações catarinenses é relativamente recente, pois ainda no começo da década passada a madeira de pinho serrada respondia pela metade da pauta de exportações. Mas hoje a situação é outra. Lideram exportações de carne de frango congelada, de motocompressores para refrigeração, de toalhas de banho e rosto, de papel kraft, de malhas, camisas e camisetas, de folha de fumo, de óleo de soja, de azulejos, motores trifásicos, erva mate, carne de suíno e peru, açúcar refinado, calçados e couro e acessórios para tubos maleáveis etc. Tudo isso abre enormes perspectivas para o Mercosul.

A Comunidade Econômica Européia ainda é o maior cliente catarinense, seguida de perto pelos EUA. Mas o interessante de se observar nas exportações catarinenses é o crescimento de países que não são tradicionais compradores do Brasil, como Iraque, Arábia Saudita e Países Baixos.

Somado a tudo isso, o PIB atual catarinense cresceu quase 15 vezes nos últimos 40 anos, contra 12 vezes o nacional.

Certamente haverá resistência à implantação do Tratado do Mercosul. Alguns setores serão - e até já foram - atingidos. É o caso do trigo e dos laticínios, pois a fertilidade das terras da várzea rio-pratense é muito maior que a brasileira. Uma vaca argentina produz o dobro de uma vaca brasileira. Paradoxalmente um produtor argentino recebe mais que o brasileiro que tem um custo de produção bem mais caro.

O caso da cebola é de chorar, pois a produtividade argentina é de 20 mil quilos por hectare, e a nacional mal supera os dez mil quilos.

Embora a questão agrícola seja um dos pontos nevrálgicos do Mercosul é preciso não esquecer que as indústrias catarinenses têm condições de dar o salto tríplice que caracteriza a modernidade: alta tecnologia em informática, uso crescente de novos materiais e uma biotecnologia diversificada, com incremento de engenharia genética na área de alimentação - suinocultura e avicultura de porte.

Sem desenvolvimento tecnológico agressivo, o Mercosul não terá futuro. E as palavras da moda - produtividade, competitividade e modernidade - não podem ficar no papel. O espaço econômico comum que o Mercosul visa é um caminho para marcar a inserção de Santa Catarina no cenário internacional, onde o deslocamento dos eixos dinâmicos da economia é muito rápido. Rápido e irreversível.

Paulo Ramos Derengoski é ensaísta

TRIBUNA da imprensa

Editado por S.A. Tribuna da Imprensa
Redação, Administração e Oficina
Rua do Lavradio, 98
Tel.: 232-7720- Telex (021) 34553
GEAN BR Telefax (021) 252-9975

Diretora Administrativa
Nice Garcia Brant
Gerente de Publicidade
José Coelho Filho
Gerente de Circulação
Carlos Santiago Ribeiro

Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo ..... R$ 0,60
Distrito Federal ..... R$ 0,90
Alagoas, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe, Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Pernambuco ..... R$ 1,00
Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte ..... R$ 1,20
Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins ..... R$ 1,40

ASSINATURAS
Anual ..... R$ 188
Semestral ..... R$ 94

Há 40 anos

Lacerda volta ao Rio após giro pela Europa

No dia 27 de dezembro de 1954, a TRIBUNA DA IMPRENSA lançava duas edições - a Matutina e a Final. Manchete da Edição Matutina: "Carlos Lacerda hoje no Rio"; manchete da Edição Final: "É o povo quem vai dar a palavra decisiva". O texto/manchete da Edição Matutina noticiava: "O jornalista Carlos Lacerda, diretor da TRIBUNA DA IMPRENSA, retorna hoje ao Rio, depois de uma ausência de dois meses e onze dias. Durante esse tempo, visitou Portugal e Espanha, em companhia de sua mulher, Letícia Lacerda, e de seus dois filhos, Sérgio e Sebastião. (Nenhuma referência fora feita ao deputado Carlos Lacerda, o candidato do Rio de Janeiro mais votado nas eleições de outubro). Continuando: "O navio "Vera Cruz", em que ele viajou, tocou em Salvador sexta-feira, rumando em seguida para o Rio, onde chegou ao amanhecer de hoje. Sua atracação no cais do Touring Club (Armazém 1), está marcada para às 8 horas. Carlos Lacerda receberá homenagens, esta manhã, no seu desembarque. E o Clube da Lanterna está convocando todos os seus associados e amigos para que compareçam ao cais, onde será formado extenso cortejo de automóveis, que acompanhará o jornalista de volta à sua casa".

"É o povo quem vai dar a palavra decisiva" - a afirmação fora feita pelo jornalista Carlos Lacerda ao rádio-repórter Raul Brunini, da Rádio Globo, ainda a bordo do "Vera Cruz", antes do seu atracamento no cais do porto. "Recebido por uma multidão de parentes, amigos e admiradores (especialmente do Clube da Lanterna), Lacerda começava desferindo ataques (desnecessários) ao pacato, mas dinâmico, governador Juscelino Kubitschek, porque este fora lançado candidato à Presidência da República.

Juscelino Kubitschek

JK afirma que sua candidatura é de união nacional

"Precisamos de um homem de honra na Presidência e não quem sempre compactuou com a oligarquia (dos Vargas)" - o que, na realidade não era verdade - dissera, elevando a voz. E ajuntara: "O que se está fazendo em matéria de sucessão é uma anedota. Confiamos em que os brasileiros não tolerarão que se brinque com a sua dignidade". E, ainda: "Tenho o grande prazer de falar ao povo carioca. Sou o filho que retorna à casa".

"Minha candidatura é de união nacional" - A declaração fora feita pelo governador Juscelino Kubitschek de Oliveira, de Minas, que, a partir do lançamento de sua candidatura à sucessão presidencial, vinha sendo sistematicamente atacado de maneira gratuita e feroz, insultado e caluniado por alguns políticos que não se conformavam com a sua caminhada rumo ao Palácio do Catete. O governador das Altero sass, que até então preferira não aceitar provocações, decidira sair do silêncio em que se mantivera, para responder às críticas que lhe tinham sido feitas pelo governador José Américo de Almeida, através da mesma TRIBUNA que veiculara a entrevista. "Tornei conhecimento das declarações do ilustre governador da Paraíba. Ninguém mais do que deseja a paz, a concórdia, a harmonia, para que o Brasil possa dedicar-se ao trabalho fecundo, que é o único caminho certo para se vencer a crise presente. Não fiz em Minas senão um governo de união e de paz, o que possibilitou a realização da minha obra administrativa. Minha candidatura obedeceu também a um propósito de união nacional, como ficou bem claro na reunião do meu partido. Quanto mais crescerem as dificuldades em torno do meu nome e até mesmo ameaças, insultos, calúnias, intimidações - como de certos setores têm partido contra mim - sou levado à convicção de que se impossibilitaria a minha candidatura e ela se torna alguma coisa acima de mim mesmo, transformando-se num verdadeira causa nacional e da democracia - pois minha força reside na legalidade". "Julgamento sumário para os delitos de automóvel" - A matéria noticiava que o coronel Geraldo de Meneses Cortes, chefe de Polícia (Departamento Federal de Segurança Pública/DFSP) do então Distrito Federal, em entrevista exclusiva à TI, revelava que, "dentro de 10 dias, iria executar uma reforma geral no Serviço de Trânsito, com objetivo de disciplinar os motoristas e evitar acidentes no tráfego, por meio dum sistema prático que envolveria todo o aparelho policial e mais 60 patrulheiros. A reforma preconizada pelo chefe de Polícia - referindo-se, ernadamente, a "delitos de automóvel", ao invés de "delitos de trânsito" - entre outras coisas, previa: "Notificação individual, no ato do delito, para chamar o infrator à realidade da falta cometida". Ele explicava o porquê da introdução de tal modificação: "Acho mais urgente tornar ainda mais rápida a aplicação das penas e sua divulgação, porque isso teria efeito psicológico da mais alta importância e reduziria em grandes proporções os delitos (ou infrações de trânsito)". Depois de criticar essa "falha, (lentidão) tanto nos processo judiciais quanto nos processos de aplicação de multas administrativas", Meneses Cortes sugeria modificações no Código Penal e acriação do Juizados de Instrução, para julgamento de delitos sem as formalidades dos processos comuns, morosos e de efeitos tardios, além de comprometedores de seus objetivos educacionais, que exigem rapidez e ação".

"Batalha dos sargentos vai começar" - Porque o presidente João Café Filho vetara o Projeto 2.825, que beneficiaria com promoção ao posto de segundo-tenente mais de quatro mil subtenentes, suboficiais e sargentos das Forças Armadas, um número incalculável de subalternos (sargentos e suboficiais) iria deflagrar uma grande e interminável batalha, com objetivo de derrubar o veto presidencial àquele projeto. Ao apor seu veto ao projeto, João Café Filho, entre outras coisas, argumentava que centenas de beneficiados pelo projeto perteciam a especialidades não existentes no oficialato, citando (erradamente) como exemplo os sargentos-motoristas" - que, em todo o Exército, não chegava a atingir um total de 20 sargentos: na realidade, havia era muitos soldados-motoristas e cabos-motoristas de segunda e primeira classes.

Frente ampla nos meios de comunicação

Wilson Reis

A lição mais importante deixada pelas últimas eleições, realizadas em 3 outubro e 15 de novembro de 1994, respectivamente, é a da necessidade urgente de um entendimento de alto nível entre as chamadas forças progressistas, incluindo-se neste conceito todos os segumentos da sociedade não comprometidos com o controle do país por forças alienígenas.

A divisão da sociedade entre esquerda e direita, que durante várias décadas serviu para designar as forças progressistas e reacionárias, está, hoje, inteiramente superada. A palavra esquerdista, nela incluindo os partidos comunistas, que alguns utilizavam para rotular as forças progressistas, era usada pelas forças reacionárias, pelos eternos detentores do poder, para diminuir a força do povo e transformá-la em instrumento dócil aos seus desígnios. Serviu, também, como pretexto para justificar a repressão com a implantação de regimes militares em diversos países da América Latina. Hoje as classes dominantes para imporem o seu domínio se valem de métodos mais sofisticados e menos onerosos para induzir o eleitorado a embarcar em sua canoa furada. O "perigo comunista" que utilizaram antigamente, com sucesso, não funciona mais depois do desastre que atingiu em cheio o leste europeu. Atualmente preferem utilizar a força da mídia que invade os nossos lares para transformar covardes em heróis, patriotas em inimigos do povo, vendendo gato por lebre. A mídia, da mesma forma que transformou Fernando Collor em paladino da moralidade, apesar do seu passado nebuloso, conseguiu impingir ao nosso povo o plano real, como se este fosse a solução para todos os problemas que nos afligem. Conseguiu reduzir o significado político de homens com o passado e a respeitabilidade de Luiz Inácio Lula da Silva, Leonel Brizona, Nilo Batista e tantos outros. Outra arma utilizada pelas elites dominantes é a compra de consciências de pseudo-esquerdistas, que se rendem facilmente à força do dinheiro.

Parece que agora ficou claro para as forças progressistas - poderosíssimas mas desunidas - que a sua ascensão ao poder, ante a força da mídia, só se tornará viável em futuras eleições se todas as correntes políticas inseridas nessa denominação se unirem em todo o território nacional, colocando de lado divergências menores e, principalmente, o sectarismo, como fizeram recentemente as forças progressistas no Uruguai, se unindo em torno de uma poderosa frente ampla.

Forças progressistas precisam de um rápido entendimento

Povo deve ter armas para combater poder avassalador da mídia

Entretanto a unidade das forças progressistas, apenas, não será suficiente. As cabeças mais lúcidas das correntes que se opõem ao domínio da mídia, hoje controlada, inteiramente, pelas elites dominantes, já devem ter percebido que o seu poder absoluto supera, atualmente, a vontade de milhões de brasileiros, determinando a quem deve ser entregue o governo. Qual seria a saída, então, para este impasse? A saída mais sensata para o impasse, pelo que sabemos, não está sendo apresentada por nenhuma liderança de expressão nacional. Um grupo pequeno de ativistas do PDT, PT e pessoas sem partidos do Estado do Rio de Janeiro, não comprometido com o sistema, desde que se tornaram conhecidos os resultados das últimas eleições, busca apoio para tornar realidade um projeto ambicioso e realista para que seja criada, a curto prazo, uma rede popular de comunicação, como primeiro passo para o enfrentamento do poder da mídia, que manipula consciências, amoldando-as aos seus interesses, nem sempre declarados.

O projeto, aparentemente utópico, vem conseguindo, rapidamente, um grande número de adeptos. A explicação é simples: as pessoas mais conscientes de diferentes níveis sociais acham que o povo precisa se armar para erguer a altura o poder avassalador da mídia, que sem nenhum exagero já pode ser promovida a primeiro poder.

Wilson Reis é jornalista

Os conceitos emitidos nos artigos não representam necessariamente a opinião do jornal, sendo de responsabilidade dos articulistas.